

FILEMOM

ÍNDICE

PHILEMON

WILLIAM BARCLAY

Título original em inglês:

The Letter to Philemon

Tradução: Carlos Biagini

O NOVO TESTAMENTO Comentado por William Barclay

... Introduz e interpreta a totalidade dos livros do NOVO TESTAMENTO. Desde Mateus até o Apocalipse William Barclay explica, relaciona, dá exemplos, ilustra e aplica cada passagem, sendo sempre fiel e claro, singelo e profundo. Temos nesta série, por fim, um instrumento ideal para todos aqueles que desejem conhecer melhor as Escrituras. O respeito do autor para a Revelação Bíblica, sua sólida fundamentação, na doutrina tradicional e sempre nova da igreja, sua incrível capacidade para aplicar ao dia de hoje a mensagem, fazem que esta coleção ofereça a todos como uma magnífica promessa.

**PARA QUE CONHEÇAMOS MELHOR A CRISTO
O AMEMOS COM AMOR MAIS VERDADEIRO
E O SIGAMOS COM MAIOR EMPENHO**

ÍNDICE

Prefácio

Introdução Geral

Introdução às Cartas Paulinas

Introdução às Cartas Pastorais

Introdução à Epístola a Filemom

Capítulo 1

PREFÁCIO A 1 TIMÓTEO, 2 TIMÓTEO, TITO E FILEMOM

Devo começar este Prefácio como tive que fazê-lo com todos os desta série de livros, expressando minha sincera gratidão à Junta de Publicações da Igreja da Escócia por me permitir, em primeiro lugar, começar com esta série de estudos e logo continuar com elas. Faltam-me palavras para agradecer em especial ao Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., D.D., convocador da Junta, e ao Rev. A. McCosh, M.A., S.T.M., encarregado de publicações, por sua paciência e alento constantes.

Este volume tem como fim comentar a Primeira e Segunda Epístolas de Timóteo e a de Tito, que são conhecidas geralmente como *Epístolas Pastorais*, e a única carta pertencente à correspondência privada de Paulo que se encontrou, dirigida a Filemom.

As Epístolas Pastorais foram infelizmente menosprezadas pelos leitores comuns da Bíblia. Mas são de grande interesse, devido ao fato de que nenhuma outra Carta no Novo Testamento nos dá uma imagem tão vívida da Igreja em crescimento. Nelas vemos os problemas de uma Igreja que é uma pequena ilha de cristianismo num mar de paganismo; e também vemos, como em nenhum outro lugar, os primeiros começos de seu ministério. Estas Cartas são interessantes por si mesmas, e quanto mais as estudamos, mais atrativas são. Foram descritas como subapostólicas, falou-se delas como a segunda geração do cristianismo, ou até dizer que estão por debaixo do nível das Cartas escritas durante o

emocionante começo da Igreja. Mas o fato é que justamente por terem sido escritas quando a Igreja se estava convertendo numa instituição, falam-nos mais diretamente à nossa situação e condição.

As Epístolas Pastorais foram afortunadas em seus Comentários. Existem vários volumes de importância realizados sobre o texto em grego. O de Walter Lock em el *International Critical Commentary* é um monumento de erudição inteligente e sóbria. O escrito por Sir Robert Falconer é-o menos, mas muito iluminado e comprimido numa extensão menor. O recente Comentário de E. K. Simpson está escrito com energia e com um domínio do vocabulário grego helenista que lhe assegurará um lugar entre os grandes Comentários. O trabalho realizado por P. N. Harrison representa toda uma vida de dedicação, e nenhum é melhor se quer examinar a linguagem das Cartas. Com respeito ao texto em inglês não se pode desprezar o velho Comentário de A. E. Humphreys na Bíblia de Cambridge. O Comentário bastante recente de B. S. Easton é excelente, em especial no que respeita ao significado das palavras. O realizado por E. F. Brown no *Westminster Commentary* é um volume único. Tem-se dito sempre que as Epístolas Pastorais são as mais úteis para o missionário moderno, devido ao fato de que descrevem a mesma situação das Igrejas jovens de hoje. E. F. Brown foi por muitos anos missionário na Índia, e várias vezes refere-se a paralelos modernos muito interessantes e adaptados às situações das Pastorais. De todos este Comentários é o mais útil para o pregador. O volume escrito por E. F. Scott no *Moffatt Commentary* é muito útil.

Para mim as Epístolas Pastorais foram, ao menos até certo ponto, uma nova descoberta. Trabalhar nelas foi uma experiência absorvente; e oro para que este livro faça algo por reviver naqueles que o leiam os problemas e heroísmo da Igreja primitiva.

Como já dissemos, Filemom é a única Carta pessoal de Paulo que ficou. Apesar de ser uma Carta muito breve, foi bendita em seus Comentários. Quase sempre a inclui em Comentários com Cartas mais longas. No caso de J. B. Lightfoot, ele a inclui com Colossenses. No

International Critical Commentary está incluída com Filipenses, e é escrita por M. R. Vincent. No *Moffatt Commentary* está incluída com Colossenses e Efésios, e o comentarista é E. F. Scott. No Novo Testamento Grego de Cambridge está incluída com o comentário de C. F. D. Moule de Colossenses. Em todos os casos o encanto e beleza desta Carta obteve o melhor de seus comentaristas.

A obra de E. J. Goodspeed baseado em Filemom é de uma importância especial, e a pode encontrar em seu *Introducción al Nuevo Testamento*. Suas conclusões foram estudadas e seguidas pelo C. L. Mitten. Também é importante *Philemon among the Letters of Paul*, por John Knox.

Tão curta como é, não há nenhuma outra Carta no Novo Testamento que como Filemom nos leve tão perto do coração de Paulo.

É minha esperança que por meio do estudo destas Cartas possamos obter uma nova visão da Igreja e uma nova perspectiva da mente e o coração de Paulo.

William Barclay.

Trinity College,
Glasgow,
maio de 1956.

INTRODUÇÃO GERAL

Pode dizer-se sem faltar à verdade literal, que esta série de Comentários bíblicos começou quase acidentalmente. Uma série de estudos bíblicos que estava usando a Igreja de Escócia (Presbiteriana) esgotou-se, e se necessitava outra para substituí-la, de maneira imediata. Fui solicitado a escrever um volume sobre Atos e, naquele momento, minha intenção não era comentar o resto do Novo Testamento. Mas os volumes foram surgindo, até que o encargo original se converteu na idéia de completar o Comentário de todo o Novo Testamento.

Resulta-me impossível deixar passar outra edição destes livros sem expressar minha mais profunda e sincera gratidão à Comissão de Publicações da Igreja de Escócia por me haver outorgado o privilégio de começar esta série e depois continuar até completá-la. E em particular desejo expressar minha enorme dívida de gratidão ao presidente da comissão, o Rev. R. G. Macdonald, O.B.E., M.A., D.D., e ao secretário e administrador desse organismo editar, o Rev. Andrew McCosh, M.A., S.T.M., por seu constante estímulo e sua sempre presente simpatia e ajuda.

Quando já se publicaram vários destes volumes, nos ocorreu a idéia de completar a série. O propósito é fazer que os resultados do estudo erudito das Escrituras possam estar ao alcance do leitor não especializado, em uma forma tal que não se requeiram estudos teológicos para compreendê-los; e também se deseja fazer que os ensinamentos dos livros do Novo Testamento sejam pertinentes à vida e ao trabalho do homem contemporâneo. O propósito de toda esta série poderia resumir-se nas palavras da famosa oração de Richard Chichester: procuram fazer que Jesus Cristo seja conhecido de maneira mais clara por todos os homens e mulheres, que Ele seja amado mais entranhadamente e que seja seguido mais de perto. Minha própria oração é que de alguma maneira meu trabalho possa contribuir para que tudo isto seja possível.

INTRODUÇÃO ÀS CARTAS DE PAULO

As cartas de Paulo

No Novo Testamento não há outra série de documentos mais interessante que as cartas de Paulo. Isto se deve a que de todas as formas literárias, a carta é a mais pessoal. Demétrio, um dos críticos literários gregos mais antigos, escreveu uma vez: "Todos revelamos nossa alma nas cartas. É possível discernir o caráter do escritor em qualquer outro

tipo de escrito, mas em nenhum tão claramente como nas epístolas" (Demétrio, *On Style*, 227).

Justamente pelo fato de Paulo nos deixar tantas cartas, sentimos que o conhecemos tão bem. Nelas abriu sua mente e seu coração àqueles que tanto amava; e nelas, até o dia de hoje, podemos ver essa grande inteligência abordando os problemas da Igreja primitiva, e podemos sentir esse grande coração pulsando com o amor pelos homens, mesmo que estivessem desorientados e equivocados.

A dificuldade das cartas

E entretanto, é certo que não há nada tão difícil como compreender uma carta. Demétrio (em *On Style*, 223) cita um dito do Artimón, que compilou as cartas do Aristóteles. Dizia Artimón que uma carta deveria ser escrita na mesma forma que um diálogo, devido a que considerava que uma carta era um dos lados de um diálogo. Dizendo o de maneira mais moderna, ler uma carta é como escutar a uma só das pessoas que tomam parte em uma conversação telefônica. De modo que quando lemos as cartas de Paulo freqüentemente nos encontramos com uma dificuldade: não possuímos a carta que ele estava respondendo; não conhecemos totalmente as circunstâncias que estava enfrentando; só da carta podemos deduzir a situação que lhe deu origem. Sempre, ao ler estas cartas, nos apresenta um problema dobro: devemos compreender a carta, e está o problema anterior de que não a entenderemos se não captarmos a situação que a motivou. Devemos tratar continuamente de reconstruir a situação que nos esclareça carta.

As cartas antigas

É uma grande lástima que se chamasse *epístolas* às cartas de Paulo. São *cartas* no sentido mais literal da palavra. Uma das maiores chaves na interpretação do Novo Testamento foi o descobrimento e a publicação

dos *papiros*. No mundo antigo o *papiro* era utilizado para escrever a maioria dos documentos. Estava composto de tiras da medula de um junco que crescia nas ribeiras do Nilo. Estas tiras ficavam uma sobre a outra para formar uma substância muito parecida com nosso papel de envolver. As areias do deserto do Egito eram ideais para a preservação do papiro, porque apesar de ser muito frágil, podia durar eternamente se não fosse atingido pela umidade. De modo que das montanhas de escombros egípcios os arqueólogos resgataram literalmente centenas de documentos, contratos de casamento, acordos legais, inquéritos governamentais, e, o que é mais interessante, centenas de cartas particulares. Quando as lemos vemos que todas elas respondiam a um modelo determinado; e vemos que as cartas de Paulo reproduzem exata e precisamente tal modelo. Aqui apresentamos uma dessas cartas antigas. Pertence a um soldado, chamado Apion, que a dirige a seu pai Epímaco. Escrevia de Miseno para dizer a seu pai que chegou a salvo depois de uma viagem tormentosa.

"Apion envia suas saudações mais quentes a seu pai e senhor Epímaco. Rogo acima de tudo que esteja bem e são; e que tudo parta bem para ti, minha irmã e sua filha, e meu irmão. Agradeço a meu Senhor Serapi [seu Deus] que me tenha salvado a vida quando estava em perigo no mar. Logo que cheguei ao Miseno obtive meu pagamento pela viagem — três moedas de ouro. Vai muito bem. portanto te rogo, querido pai, que me escreva, em primeiro lugar para me fazer saber que tal está, me dar notícias de meus irmãos e em terceiro lugar, me permita te beijar a mão, porque me criaste muito bem, e porque, espero, se Deus quiser, me promova logo. Envio minhas quentes saudações a Capito, a meus irmãos, a Serenila e a meus amigos. Envio a você um quadro de minha pessoa pintado pelo Euctemo. Meu nome militar é Antônio Máximo. Rogo por sua saúde. Sereno, o filho de Agato Daimón, e Turvo, o filho do Galiano, enviam saudações. (G. Milligan, *Seleções de um papiro grego*, 36).

Apion jamais pensou que estaríamos lendo sua carta a seu pai mil e oitocentos anos depois de havê-la escrito. Ela mostra o pouco que muda a natureza humana. O jovem espera que ser logo ascendido. Certamente

Serenila era a noiva que tinha deixado em sua cidade. Envia á sua família o que na antiguidade equivalia a uma fotografia. Esta carta se divide em várias seções.

- (1) Há uma saudação.
- (2) Roga-se pela saúde dos destinatários.
- (3) Agradece-se aos deuses.
- (4) Há o conteúdo especial.
- (5) Finalmente, as saudações especiais e os pessoais.

Virtualmente cada uma das cartas de Paulo se divide exatamente nas mesmas seções. as consideremos com respeito às cartas do apóstolo.

(1) *A saudação*: Romanos 1:1; 1 Coríntios 1:1; 2 Coríntios 1:1; Gálatas 1:1; Efésios 1:1; Filipenses 1:1; Comesse guloseimas 1:1-2; 1 Tessalonicenses 1:1; 2 Tessalonicenses 1:1.

(2) *A oração*: em todos os casos Paulo ora pedindo a graça de Deus para com a gente a que escreve: Romanos 1:7; 1 Coríntios 1:3; 2 Coríntios 1:2; Gálatas 1:3; Efésios 1:2; Filipenses 1:3; Colossenses 1:2; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:3.

(3) *O agradecimento*: Romanos 1:8; 1 Coríntios 1:4; 2 Coríntios 1:3; Efésios 1:3; Filipenses 1:3; 1 Tessalonicenses 1:3; 2 Tessalonicenses 1:2.

(4) *O conteúdo especial*: o corpo principal da carta constitui o conteúdo especial.

(5) *Saudações especiais e pessoais*: Romanos 16; 1 Coríntios 16:19; 2 Coríntios 13:13; Filipenses 4:21-22; Colossenses 4:12-15; 1 Tessalonicenses 5:26.

É evidente que quando Paulo escrevia suas cartas o fazia segundo a forma em que todos faziam. Deissmann, o grande erudito, disse a respeito destas cartas: "Diferem das mensagens achadas nos papiros do Egito não como cartas, mas somente em que foram escritas por Paulo." Quando as lemos encontramos que não estamos diante de exercícios acadêmicos e tratados teológicos, mas diante de documentos humanos escritos por um amigo a seus amigos.

A situação imediata

Com bem poucas exceções Paulo escreveu suas cartas para enfrentar uma situação imediata. Não são tratados em que Paulo se sentou a escrever na paz e no silêncio de seu estudo. Havia uma situação ameaçadora em Corinto, Galácia, Filipos ou Tessalônica. E escreveu para enfrentá-la. Ao escrever, não pensava em nós absolutamente; só tinha posta sua mente nas pessoas a quem se dirigia. Deissmann escreve: "Paulo não pensava em acrescentar nada às já extensas epístolas dos judeus; e menos em enriquecer a literatura sagrada de sua nação... Não pressentia o importante lugar que suas palavras ocupariam na história universal; nem sequer que existiriam na geração seguinte, e muito menos que algum dia as pessoas as considerariam como Sagradas Escrituras."

Sempre devemos lembrar que não porque algo se refira a uma situação imediata tem que ser de valor transitivo. Todos os grandes cantos de amor foram escritos para uma só pessoa, mas todo mundo adora. Justamente pelo fato de as cartas de Paulo serem escritas para enfrentar uma situação ameaçadora ou uma necessidade clamorosa ainda têm vida. E porque a necessidade e a situação humanas não mudam, Deus nos fala hoje através delas.

A palavra falada

Devemos notar mais uma coisa nestas cartas. Paulo fez o que a maioria das pessoas faziam em seus dias. Normalmente ele não escrevia suas cartas; ditava-as e logo colocava sua assinatura autenticando-as. Hoje sabemos o nome das pessoas que escreveram as cartas. Em Romanos 16:22, Tércio, o secretário, inclui suas saudações antes de finalizar a carta. Em 1 Coríntios 16:21 Paulo diz: "A saudação, escrevo-a eu, Paulo, de próprio punho." Ou seja: *Esta é minha própria assinatura, meu autógrafo, para que possam estar seguros de que a carta provém de mim.* (Ver Colossenses 4:18; 2 Tessalonicenses 3:17.)

Isto explica muitas coisas. Às vezes é muito difícil entender a Paulo, porque suas orações começam e não terminam nunca; sua gramática falha e suas frases se confundem. Não devemos pensar que Paulo se sentou tranqüilo diante de um escritório, e burilou cada uma das frases que escreveu. Devemos imaginá-lo caminhando de um lado para outro numa pequena habitação, pronunciando uma corrente de palavras, enquanto seu secretário se apressava a escrevê-las. Quando Paulo compunha suas cartas, tinha em mente a imagem das pessoas às quais escrevia, e entornava seu coração em palavras que fluíam uma após outra em seu desejo de ajudar. As cartas de Paulo não são produtos acadêmicos e cuidadosos, escritos no isolamento do estudo de um erudito; são correntes de palavras vitais, que vivem e fluem diretamente de seu coração ao dos amigos aos quais escrevia.

INTRODUÇÃO ÀS CARTAS PASTORAIS

Cartas pessoais

1 e 2 Timóteo e Tito se consideraram sempre um grupo separado de Cartas, distintas das outras Epístolas de Paulo. A razão mais óbvia é que só elas, junto com a pequena Carta a Filemom, estão dirigidas a *pessoas*, enquanto que o resto das Cartas paulinas o estão a *Igrejas*. O Cânon Muratoriano, que foi a primeira preparada oficial dos livros do Novo Testamento, diz que foram escritas "como expressão do sentimento e afeto pessoal". São Cartas privadas mais que públicas.

Cartas eclesiásticas

Mas logo se começou a ver, que apesar de que à primeira vista são Cartas pessoais e privadas, têm um significado e uma importância que vão mais além da mera referência pessoal. Em 1 Timóteo 3:15 destaca-se o fim destas Cartas. São dirigidas a Timóteo para que "se eu tardar,

fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade”. Estas Cartas foram escritas para assinalar a conduta própria daqueles que vivem na casa de Deus. De modo que, então, compreendeu-se que estas Cartas não só têm um significado pessoal, mas também têm o que se poderia chamar um significado *eclesiástico*. Assim, pois, o Cânon Muratoriano diz referindo-se a elas, que apesar de serem Cartas pessoais, escritas com afeto pessoal, "são ainda consideradas com respeito pela Igreja Católica, e na confecção da disciplina eclesiástica". Tertuliano disse que Paulo escreveu: "Duas cartas a Timóteo e uma a Tito, com *respeito ao estado da Igreja (de ecclesiastico statu)*". Não nos surpreende então que o primeiro nome que se lhes desse fora o de *Cartas Pontifícias*. Este tipo de cartas estão escritas pelo *pontifex*, o sacerdote, aquele que controla a Igreja.

Cartas pastorais

Mas pouco a pouco começaram a adquirir o nome pelo qual ainda são conhecidas — *As Epístolas Pastorais*. São Tomás de Aquino em 1274, escrevendo a respeito de 1 Timóteo disse: "Esta carta é como se fosse uma *regra pastoral* que o Apóstolo deu a Timóteo." Em sua Introdução à segunda Carta, escreve: "Na primeira Carta dá a Timóteo instruções sobre o ordem eclesiástica; na segunda refere-se ao *cuidado pastoral* que deve ser tão grande para estar dispostos a aceitar o martírio pelo cuidado do rebanho. Mas esta designação realmente se afirmou a partir do ano 1726, quando um grande erudito chamado Paul Anton deu uma série de conferências famosas a respeito delas, as quais chamou Epístolas Pastorais.

Estas Cartas, pois, referem-se ao cuidado e organização da Igreja e do rebanho de Deus; dizem aos homens como devem comportar-se na comunidade de Deus; instrui-lhes a respeito de como administrá-la,

como devem ser os líderes e pastores, e como enfrentar as ameaças que põem em perigo a pureza da fé e a vida cristãs.

A Igreja em crescimento

O interesse principal destas Cartas está em que nelas achamos um quadro da Igreja nascente como em nenhum outro lugar. Nessa época a Igreja era uma ilha num mar de paganismo. As mais perigosas infecções a ameaçavam por todos os lados. Seus integrantes estavam a um passo de sua origem e antecedentes pagãos. Teria sido muito fácil para eles escorregar e reincidir no estilo de vida pagão do qual provinham. Uma atmosfera poluente os rodeava. Algo muito interessante e significativo é que os missionários nos dizem que de todas as Cartas as Epístolas Pastorais falam mais diretamente à situação das Igrejas jovens. A situação que se expõe nestas Cartas se revalida diariamente na Índia, na África e na China. Estas Cartas não podem perder nunca seu interesse porque nelas vemos, como em nenhum outro lugar, os problemas que continuamente acoçam a Igreja em crescimento.

Antecedentes eclesiásticos das Pastorais

Mas desde o princípio estas Cartas apresentaram problemas para os estudiosos do Novo Testamento. Muitos têm sentido que, tal como estão, não podem proceder diretamente da mão e da pena de Paulo. Este sentimento não é novo e pode comprovar do fato que Marcion, quem, apesar de ser herege, e ser primeiro em fazer uma lista dos livros do Novo Testamento, não as incluiu entre as Cartas de Paulo. Vejamos o que é o que faz duvidar de que provenham diretamente da mão de Paulo.

Nestas Cartas nos confrontamos com a imagem de uma Igreja que conta com uma organização eclesiástica bastante desenvolvida. Há *anciãos* (1 Timóteo 5:1, 17-19; Tito 1:5-7); há *bispos*, ou superintendentes ou supervisores (1 Timóteo 3:1-7; Tito 1:7-16); há

diáconos (1 Timóteo 3:8-13). Lendo 1 Timóteo 5:17-18 nos inteiramos de que nessa época os presbíteros eram funcionários assalariados. Os anciãos que dirigiam bem deviam ser tidos em conta para lhes pagar um salário dobrado, como teria que traduzir-se, e se insiste a Igreja a lembrar que todo trabalhador merece seu pagamento. Vê-se ao menos o começo da ordem das viúvas que chegou a ser tão importante mais adiante na Igreja primitiva (1 Timóteo 5:2-16). Existe claramente dentro da Igreja uma estrutura bastante elaborada, que para alguns é muito para pertencer aos primeiros tempos em que Paulo viveu e trabalhou. Pareceria como se a Igreja tivesse dado os primeiros passos para chegar a ser a instituição altamente organizada que foi mais tarde e que é hoje.

O período dos credos

Até diz-se que nestas Cartas podemos ver o surgimento do período dos credos. A palavra *fé* mudou seu significado. Nos primeiros tempos, nas Cartas mais importantes de Paulo, fé sempre quis dizer *fé numa pessoa*; é a união pessoal mais íntima possível em amor, confiança, obediência com relação a Jesus Cristo. Mais tarde se converteu *em fé num credo*; chegou a ser a aceitação de certas doutrinas. Diz-se que nas Epístolas Pastorais podemos ver o surgimento desta mudança. Mais adiante virão homens que se separarão da fé e darão lugar às doutrinas de *demônios* (1 Timóteo 4:1).

Um bom servo de Jesus Cristo deve alimentar-se com as palavras da *fé e da boa doutrina* (1 Timóteo 4:6). Os hereges são homens de mentes corruptas réprobas quanto à *fé* (2 Timóteo 3:8). A tarefa de Tito é a de repreender os homens para que sejam *sãos na fé* (Tito 1:13). Isto se nota especialmente numa expressão que é peculiar às Pastorais. Timóteo vê-se obrigado a reter "o bom depósito que habita em nós" (2 Timóteo 1:14). A palavra *paratheke* que é utilizada nesta passagem significa *depósito*, no sentido de um depósito que se confiou a um banqueiro ou a alguém para que o guarde. É algo que, característica e essencialmente,

foi confiado e que deve ser devolvido ou entregue absolutamente inalterado. O que quer dizer que se acentua a *ortodoxia*. Em lugar de ser uma relação próxima e pessoal com Jesus Cristo, como o era nos emocionantes e vibrantes dias da Igreja primitiva, a fé se converteu na aceitação de um credo ortodoxo. Ainda se sustenta que nas Pastorais nos encontramos com os ecos e fragmentos dos credos mais primitivos:

“Deus foi manifestado em corpo,
Justificado no Espírito,
Visto pelos anjos,
Pregado entre as nações,
Crido no mundo,
Recebido na glória.”
(1 Timóteo 3:16, NVI).

Isto indubitavelmente parece um fragmento de um credo para ser recitado e repetido.

“Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado de entre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu evangelho” (2 Timóteo 2:8). Isto parece lembrar uma oração de um credo aceito.

Dentro das Pastorais indubitavelmente há indicações de que começaram os dias da insistência na ortodoxia e na aceitação de credos, e que começaram a murchar-se os dias da primeira emocionante descoberta pessoal de Cristo.

Uma heresia perigosa

É evidente que no primeiro plano da situação em que se escreveram as Pastorais havia uma perigosa heresia que estava ameaçando o bem-estar da Igreja cristã. Se podemos distinguir os distintos rasgos característicos dessa heresia, poderemos chegar a identificá-la.

Caracterizava-se por um *intelectualismo especulativo*. Questionava (1 Timóteo 1:4); os que estavam envolvidos deliravam a respeito de questões (1 Timóteo 6:4); tinha a ver com questões néscias e insensatas

(2 Timóteo 2:23); deviam-se evitar estas questões (Tito 3:9). A palavra que em todos os casos se usa para *questões* é *ekzetesis*, que significa *discussão especulativa*. Esta heresia era obviamente o campo dos jogos intelectuais, ou melhor dizendo, os pseudo-intelectuais da Igreja.

Outra característica era *a vaidade*. O herege é vaidoso, apesar de que na realidade não sabe nada (1 Timóteo 6:4). Existem indicações de que estes intelectuais se localizavam num plano acima dos cristãos comuns; na verdade, poderiam ter dito que a salvação total estava fora do alcance do homem comum e só aberta para eles. Há momentos em que as Epístolas Pastorais sublinham a palavra *todos* de uma maneira muito significativa. A graça de Deus, que traz salvação, manifestou-se a *todos* os homens (Tito 2:11). A vontade de Deus é que *todos* se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade (1 Timóteo 2:4). Os intelectuais tratavam de que as maiores bênçãos do cristianismo fossem possessão exclusiva de uns poucos escolhidos; e, em contradição a essa exclusividade, a verdadeira fé dá ênfase ao amor de Deus que abrange tudo.

Dentro dessa heresia havia duas tendências opostas. Havia uma tendência ao *ascetismo*. Os hereges tentavam estabelecer leis especiais com respeito às comidas, esquecendo que tudo o que Deus criou é bom (1 Timóteo 4:4-5). Enumeravam muitas coisas que consideravam impuras, esquecendo-se de que para os puros todas as coisas são puras (Tito 1:15). Não é totalmente impossível que considerassem o sexo como algo sujo e que desprezassem o casamento, e até tentassem persuadir os que estavam casados a renunciarem a ele, porque em Tito 2:4 se afirma que os deveres singelos da vida conjugal estão vinculados ao cristão.

Mas também é evidente que esta heresia terminava na *imoralidade*. Os hereges até invadiam as casas e induziam a mulheres fracas e insensatas à concupiscência e aos desejos carnis (2 Timóteo 3:6). Caracterizavam-se pela luxúria (2 Timóteo 4:3). Professavam conhecer a Deus, mas eles próprios eram abomináveis (Tito 1:16). Estes hereges saíam para impor-se às pessoas, trabalhar para seu próprio proveito e

fazer dinheiro com seus falsos ensinamentos. Para eles, obter lucros tinha a ver com a piedade (1 Timóteo 6:5); e ensinavam e enganavam para conseguir um lucro sujo (Tito 1:11). Por um lado esta heresia dava lugar a um ascetismo que não era cristão e por outro, produzia uma imoralidade que tampouco o era.

Esta heresia estava caracterizada por *palavras, lendas e genealogias*. Estava cheia de conversas vãs e de argumentos inúteis (1 Timóteo 6:20). Produzia genealogias intermináveis (1 Timóteo 1:4; Tito 3:9). Também mitos e fábulas (1 Timóteo 1:4; Tito 1:14).

Em alguns aspectos e até certo ponto estava vinculada com o *legalismo judeu*. Entre seus devotos estavam os que pertenciam à circuncisão (Tito 1:10). A finalidade dos hereges era o ser mestre da Lei (1 Timóteo 1:7). Inculcavam às pessoas fábulas judias e mandamentos de homens (Tito 1:14).

Finalmente, estes hereges negavam *a ressurreição do corpo*. Diziam que qualquer ressurreição que o homem fosse experimentar já tinha sido efetuada com antecedência (2 Timóteo 2:18). Esta provavelmente seja uma referência aos que sustentavam que não existia a ressurreição do corpo, e que o cristão experimentava uma ressurreição espiritual na experiência do batismo, quando morria com Cristo e ressuscitava novamente com Ele (Romanos 6:4).

Os primórdios do gnosticismo

Existe então alguma heresia que abranja todo este material? Sim, e seu nome foi *gnosticismo*. Seu pensamento básico é que tudo é essencialmente mau e que só o espírito é bom. Esta crença tinha diversas conseqüências.

O gnóstico cria que a matéria é tão eterna como Deus; e que quando Deus criou o mundo, teve que utilizar essa matéria essencialmente má. Isto teve conseqüências muito importantes para o pensamento. Significava que para eles Deus não era nem podia ser o criador direto do

mundo. Para tocar essa matéria imperfeita tinha enviado uma série de emanções — que chamavam éons — cada vez mais afastadas do, até que no final obteve uma emanção ou éon tão distante que pôde manipular a matéria e criar o mundo. De modo que entre Deus e o homem se estendia uma escada e uma série de emanções. Cada uma delas tinha seu nome e sua genealogia. Assim, pois, o gnosticismo contava literalmente com intermináveis fábulas e genealogias. Se o homem queria chegar alguma vez a Deus tinha que subir por essa escada de emanções; e para obtê-lo necessitava um conhecimento especial que incluía toda classe de contra-senhas para poder passar cada degrau. Só uma pessoa de alto calibre intelectual podia ter esperança de adquirir esse conhecimento, conhecer as contra-senhas e chegar dessa maneira a Deus. A pessoa comum nunca podia escalar mais além dos degraus mais baixos do caminho em direção a Deus. Estava atada à Terra, e só o intelectual podia dominar essas especulações e adquirir o conhecimento e chegar a Deus.

O que é pior, se a matéria era má em sua totalidade, então o corpo também o era. Disso surgem duas possíveis conseqüências opostas. Ou o corpo deve ser combatido, submetido, desprezado, tido em menos, o que resultava num ascetismo rigoroso, no qual se eliminavam dentro do possível todas as necessidades corporais, e se destruíam no possível todos os instintos, em especial o instinto sexual; ou, se o corpo for totalmente mau, podia-se sustentar que não importava o que se fizesse com ele; portanto seus instintos, desejos e luxúria podiam fartar-se e saciar-se e libertar-se, porque o corpo não tinha importância. O gnóstico portanto, convertia-se ou num asceta, ou num homem para quem a moral deixava de ter significação.

E mais ainda, se o corpo for mau, então evidentemente não pode haver tal coisa como a ressurreição do corpo. Os gnósticos esperavam a destruição do corpo e não sua ressurreição.

É evidente que isto encaixa acertadamente na situação das Epístolas Pastorais. No gnosticismo vemos o intelectualismo, a soberba intelectual,

as fábulas e as genealogias, o ascetismo e a imoralidade, a negativa de contemplar a possibilidade de uma ressurreição corporal, que são todos elementos da heresia contra a qual foram escritas as Epístolas Pastorais.

Falta localizar um só elemento desta heresia: o judaísmo e o legalismo de que falam estas Cartas. Mas isso também encontrou seu lugar. Algumas vezes o gnosticismo e o judaísmo davam-se as mãos, e conformavam o que se poderia chamar uma aliança profana. Já assinalamos que os gnósticos insistiam em que para ascender a escada até Deus era preciso um conhecimento muito especial; e que alguns deles sustentavam que para levar uma boa vida era essencial um ascetismo estrito. Alguns judeus proclamavam que precisamente a Lei judia e suas normas sobre os mantimentos proviam esse conhecimento especial e esse necessário ascetismo; de modo que houve momentos em que o judaísmo e o gnosticismo iam de mãos dadas.

É evidente que a heresia que está no pano de fundo das Epístolas Pastorais é o gnosticismo. E há alguns que utilizaram este mesmo fato para tentar provar que Paulo não pôde havê-las escrito, porque, dizem, o gnosticismo não apareceu até muito mais tarde. É bem verdade que os grandes sistemas formais desta crença, conectados com nomes como Valentin e Basilides, não surgiram até o século II; mas estas grandes figuras só sistematizaram o que já existia. As idéias básicas estavam na atmosfera que rodeava a Igreja primitiva, já nos dias de Paulo. É fácil ver seu atrativo, e também é fácil ver que, se tivessem tido a oportunidade de florescer e desenvolver-se sem vigilância, poderiam ter transformado o cristianismo numa filosofia especulativa e destroçado a religião cristã. É fácil ver que ao enfrentar o gnosticismo a Igreja estava enfrentando um dos maiores perigos que ameaçaram a fé cristã.

A linguagem das Pastorais

Mas o argumento mais poderoso contra a origem paulina, vindo direto das Pastorais, é um fato que aparece muito claro na versão grega,

mas não nas traduções. O número total de palavras nelas é de 902, das quais 54 são nomes próprios; e destas 902 palavras não menos de 306 nunca aparecem em outras Cartas de Paulo. Isto seria 36 por cento, ou seja que mais de um terço de seu vocabulário está totalmente ausente do que aparece nas outras Cartas de Paulo. O que é pior, 175 palavras destas Epístolas não aparecem em nenhuma outra parte do Novo Testamento. Por outro lado, é justo dizer que nas Epístolas Pastorais há 50 palavras que aparecem nas outras Cartas de Paulo, mas em nenhum outro lugar do Novo Testamento. Além disso, é certo que quando as outras Cartas de Paulo e as Pastorais dizem a mesma coisa o fazem de diferente maneira, utilizando palavras e expressões distintas para expressar a mesma idéia.

Também muitas das palavras favoritas de Paulo estão ausentes por completo das Pastorais. A palavra *stauros* (cruz) e *stauroun* (crucificar) aparecem 27 vezes nas outras Cartas de Paulo, e nunca nas Pastorais. *Eleutheria* e as palavras afins que têm que ver com *liberdade* aparecem 29 vezes nas outras Cartas de Paulo, e nunca nas Pastorais. *Huios*, que significa *filho*, e *huiiothesia*, que significa *adoção*, aparecem 46 vezes nas outras Cartas e nunca nestas.

Mais ainda, o grego é um idioma que tem muitas pequenas palavras chamadas *partículas* e *enclíticas*. Algumas vezes indicam um tom de voz. Todas as orações gregas estão unidas à oração que as precede, e estas pequenas palavras intraduzíveis são as uniões. Dessas partículas, enclíticos, preposições e pronomes, aparecem 112 nas outras Cartas de Paulo, que as utiliza um total de 932 vezes, mas não aparecem nunca nas Pastorais.

Claramente aqui há algo que deve ser explicado. Devido à força do vocabulário e ao estilo, encontramos difícil crer que Paulo escreveu as Epístolas Pastorais no mesmo sentido em que escreveu suas outras Cartas.

A atividade de Paulo nas Pastorais

Mas talvez a dificuldade mais óbvia é que estas Cartas mostram a Paulo ocupado em atividades que não têm capacidade em sua vida tal como a conhecemos através do livro dos Atos. Claramente conduziu uma missão a Creta (Tito 1:5). E se propõe passar um inverno em Nicópolis que está no Epiro (Tito 3:12). É claro que na vida de Paulo tal como a conhecemos não há capacidade para esta missão e este inverno. Mas bem pode ser que justamente aqui tenhamos tropeçado com a solução do problema.

Libertou-se a Paulo de seu encarceramento em Roma?

Façamos uma pausa para resumir. Vimos que a organização da Igreja nas Pastorais é mais elaborada que em qualquer outra das Cartas de Paulo. Vimos que a ênfase na ortodoxia e em guardar o que se nos deu em custódia pareceria pertencer a uma segunda ou terceira geração de cristãos, quando a emoção da nova descoberta está desaparecendo, e quando a Igreja está a caminho de transformar-se numa instituição. Vemos que Paulo é descrito levando a cabo missões que não têm capacidade no esquema de sua vida que conhecemos através de *Atos*. Mas o estranho a respeito deste último livro é que deixa nas trevas tudo o que aconteceu a Paulo em Roma. Termina dizendo que Paulo viveu por dois anos numa espécie de semi-cativeiro pregando o evangelho abertamente e sem impedimento (Atos 28:30-31). Mas *Atos* não nos diz como terminou seu cativeiro, se terminou com a soltura de Paulo ou se foi condenado e executado. É certo que a crença geral é que terminou com sua morte, mas existe uma corrente de tradição, que não se pode desprezar, que nos diz que terminou com sua libertação que durou por dois ou três anos mais, voltando a ser encarcerado e executado finalmente em torno do ano 67 d.C.

Consideremos esta questão, porque é de grande interesse. Não poderemos chegar a uma resposta segura, mas ao menos podemos investigar — ainda que fiquemos com a incógnita.

Em primeiro lugar, é evidente que quando Paulo estava detento em Roma não considerava impossível sua soltura; em realidade pareceria como se a esperasse. Quando escreve aos filipenses do cárcere, diz-lhes que nesse momento envia a Timóteo, e logo continua: “E estou persuadido no Senhor de que também eu mesmo, brevemente, irei” (Filipenses 2:24). Quando escreveu a Filemom, enviando de volta o Onésimo, diz: “E, ao mesmo tempo, prepara-me também pousada, pois espero que, por vossas orações, vos serei restituído” (Filemom 22). Claramente Paulo estava preparado para ser libertado, quer o tenha sido quer não.

Em segundo lugar, lembremos um plano que Paulo tinha muito perto de seu coração. Antes de ir a Jerusalém na viagem em que foi detido, escreveu à Igreja de Roma, e nessa Carta estava planejando uma visita a Espanha. Escreve: “Quando em viagem para a Espanha, pois espero que, de passagem, estarei convosco...”, “...passando por vós, irei à Espanha” (Romanos 15:24,28). Nesse momento projetava visitar a Espanha e de passagem ir a Roma. Realizou alguma vez esta visita?

Clemente de Roma, quando escreveu à Igreja de Corinto em cerca do ano 90 d.C, disse que Paulo tinha pregado o evangelho no Este e no Oeste; que tinha instruído a todo mundo (o Império romano) na verdade; e que foi à extremidade (*terma*, o término) do Ocidente antes de seu martírio. O que quis dizer Clemente ao referir-se à *extremidade do Ocidente*? *Clemente escrevia de Roma*, e para qualquer pessoa nessa cidade a *extremidade do Ocidente* não podia ser mais que a Espanha. Certamente parece que Clemente cria que Paulo tinha chegado a Espanha.

O maior de todos os historiadores primitivos da Igreja foi Eusébio. Em seu relato da vida de Paulo escreve: "Lucas, que escreveu os Atos dos Apóstolos, terminou sua história dizendo que Paulo viveu dois anos

completos em Roma como prisioneiro, e que pregou a palavra de Deus sem impedimentos. Então, depois de ter feito sua defesa, diz-se que o apóstolo saiu mais uma vez em seu ministério da pregação, e que ao voltar para a mesma cidade pela segunda vez, sofreu o martírio" (Eusébio, *História Eclesiástica* 2,22.2). Não diz nada a respeito da Espanha, mas conhece a história dá que Paulo tinha sido libertado de seu primeiro encarceramento em Roma.

O Cânon Muratoriano, a primeira lista dos Livros do Novo Testamento, descreve o plano de Lucas ao escrever os Atos: "Lucas relatou o Teófilo fatos dos quais ele foi testemunha ocular, como também, num lugar à parte, evidentemente declara o martírio de Pedro (provavelmente se refira a Lucas 22:31-33); mas omite a viagem de Paulo de Roma a Espanha." Evidentemente o Cânon Muratoriano conhecia esta viagem do apóstolo.

No século V dois dos grandes pais do cristianismo afirmam a existência da viagem de Paulo a Espanha. Crisóstomo em seu sermão sobre 2 Timóteo 4:20 diz: "São Paulo depois de sua estada em Roma partiu rumo a Espanha." São Jerônimo em seu *Catálogo de escritores* diz que Paulo "foi despedido por Nero para que pregasse o evangelho de Cristo no Ocidente".

Sem dúvida alguma existe uma corrente da tradição que sustenta que Paulo viajou a Espanha.

Este é um assunto sobre o qual teremos que tomar nossa própria decisão. O que nos faz duvidar da historicidade da viagem de Paulo a Espanha é que nesse país não há nem existiu nunca, tradição alguma de que Paulo trabalhasse, e pregasse ali; não existem histórias a respeito dele, nem lugares que tenham que ver com o seu nome. Seria realmente estranho que se tivesse apagado totalmente a lembrança dessa visita. Bem pode ter sido que toda a história a respeito da soltura e da viagem de Paulo ao ocidente surgisse simplesmente como uma dedução da intenção expressa por Paulo de visitar a Espanha em Romanos 15. Em termos gerais pode-se afirmar que a maioria dos estudiosos do Novo

Testamento não pensam que Paulo tenha sido liberto da prisão; o consenso geral opina que a única coisa que livrou a Paulo do cárcere foi a morte.

Paulo e as Epístolas Pastorais

O que podemos dizer então a respeito da conexão de Paulo com estas Cartas? Se podemos aceitar a tradição da libertação de Paulo, e seu retorno à pregação e ao ensino, e de sua morte ao redor do ano 67 d.C., então poderemos crer que as Cartas tal como são provêm de sua mão. Mas, se não cremos nisso — e as evidências são em quase sua totalidade contrárias — diremos então que as Epístolas Pastorais não têm nada que ver com Paulo? Devemos lembrar que o mundo antigo não pensava nestas coisas da mesma maneira que nós. Não veria nada de mal em que se enviasse uma carta utilizando o nome de um grande mestre, se estava seguro de que a carta dizia as mesmas coisas que esse mestre teria dito sob as circunstâncias contemporâneas. Era algo natural e possível que um discípulo escrevesse no nome de seu mestre. Ninguém, nem no mundo nem dentro da Igreja, teria visto mal que diante de uma nova e ameaçadora situação um discípulo de Paulo a enfrentasse escrevendo em seu nome. Pensar que é algo falsificado é não compreender absolutamente a mentalidade do mundo antigo. Acaso vamos, então, ir completamente ao outro extremo e dizer que algum discípulo de Paulo enviou esta Carta em seu nome muitos anos depois de sua morte, e num momento em que a Igreja estava muito mais organizada que durante a vida de Paulo?

A nosso entender, isso é precisamente o que não podemos dizer. É bastante incrível que um discípulo pusesse na boca de Paulo a afirmação de ser o primeiro dos pecadores (1 Timóteo 1:15). A tendência de um discípulo seria dar ênfase à santidade de Paulo, e não falar a respeito de seus pecados. Também é bastante incrível que qualquer que escrevesse no nome de Paulo desse a Timóteo o conselho simples e cotidiano de

beber um pouco de vinho por causa de sua saúde (1 Timóteo 5:23). O texto de 2 Timóteo 4 é tão pessoal e tão cheio de detalhes íntimos e carinhosos, que ninguém a não ser Paulo pôde havê-lo escrito.

Onde está a solução então? Bem pode ter sucedido algo como o seguinte. É óbvio que muitas das Cartas de Paulo se perderam. Evidentemente, além de suas importantes Cartas públicas, Paulo deve ter tido uma contínua correspondência privada e dela só possuímos uma Carta, a pequena Epístola a Filemom. Só ela escapou à destruição que é o destino de toda correspondência privada. Agora, pode ter acontecido que em tempos posteriores alguns fragmentos da correspondência de Paulo estivesse em mãos de algum mestre cristão. Este viu que a Igreja de seus dias e de sua localidade de Éfeso estava ameaçada por todos os lados. Havia heresias tanto dentro como fora dela. Ameaçava-a a queda de seu alto nível de pureza e verdade. Estava-se degenerando a qualidade de seus membros e de seus funcionários. Este mestre tinha em sua posse pequenas Cartas de Paulo que diziam exatamente as coisas que deviam ser ditas, mas, tal como estavam, eram muito breves e fragmentárias para ser publicadas. De modo que tomou e amplificou, dando-lhes uma significação suprema para sua própria situação e as enviou à Igreja.

Nas Epístolas Pastorais ainda estamos ouvindo a voz de Paulo, e muitas vezes a ouvimos falar com uma intimidade pessoal única, mas pensamos que a forma das Cartas deve-se a um mestre cristão que evocou a ajuda e o espírito de Paulo quando a Igreja de seus dias necessitava a guia que só Paulo poderia ter-lhe dado.

INTRODUÇÃO À EPÍSTOLA A FILEMOM

Uma Carta inigualável

Num aspecto esta pequena Carta a Filemom é única entre as Cartas de Paulo. É a única *carta particular* de Paulo que possuímos. Sem dúvida alguma que Paulo deve ter escrito muitas cartas particulares; e

sem dúvida que estas cartas sofreram o destino de todas as cartas particulares; o mais provável é que fossem destruídas; e de todas elas só sobreviveu *Filemom*. Aparte da graça e encanto que a enchem, o fato de ser a única carta particular escrita por Paulo que possuíamos, dá a esta um interesse e um significado sem igual.

Onésimo, o escravo fugitivo

Há duas reconstruções possíveis do ocorrido. A primeira, a mais corrente, é bastante direta; a outra, relacionada com o nome do E. J. Goodspeed é algo mais complicada, e muito mais romântica e dramática. Consideremos em primeiro lugar a perspectiva mais simples.

Onésimo era um escravo fugitivo, e o mais provável é que fora ladrão. Paulo escreve: “E, se algum dano te fez ou se te deve alguma coisa, lança tudo em minha conta. ... Eu pagarei” (versículos 18 e 19). De algum modo este Onésimo fugitivo tinha chegado a Roma, para perder-se nas lotadas ruas da grande cidade; e de algum modo entrou em contato com Paulo e se converteu ao cristianismo; era o filho que Paulo tinha gerado em suas prisões (versículo 10).

Em seguida aconteceu algo. Era obviamente impossível que Paulo continuasse amparando a um escravo fugitivo. É provável que a situação tenha chegado a ser insustentável. Talvez fosse a chegada do Epafras o que desencadeou a crise. Pode ter sido que Epafras reconhecesse a Onésimo como o escravo que tinha visto em Colosa, e dali se soube toda sua indigna história; ou talvez, com a chegada do Epafras, a consciência do Onésimo o levou a confessar seu pecado.

Paulo faz com que Onésimo retorne

Durante a época que tinha estado com ele, Onésimo se tinha convertido em indispensável para Paulo e Paulo teria gostado de tê-lo junto a si. “Eu queria conservá-lo comigo” (versículo 13), escreve Paulo.

Mas sabe que não poderá fazer nada sem o consentimento de Filemom, o amo de Onésimo (versículo 14). De modo que Paulo faz com que Onésimo retorne. Ninguém sabia melhor que Paulo o grande risco que corria. Lembremos a posição dos escravos. Um escravo não era uma pessoa; era uma ferramenta vivente. Qualquer amo tinha direito de vida e morte sobre seus escravos. Tinha um poder absoluto sobre eles. "Pode esbofetear suas orelhas ou condená-los a tarefas pesadas, ordenando que por exemplo, trabalhem encadeados a suas terras, no campo, ou numa espécie da prisão-fábrica. Ou, pode castigá-los com golpes de vara, de látigo ou de látigo atado; pode pôr neles seu marca na frente, se forem ladrões ou fugitivos, e, finalmente, se se comprovar que são incorrigíveis, podem crucificá-los."

Plínio relata como Vedio Polio tratou a um escravo. O escravo estava levando uma bandeja com jarros de cristal ao pátio; caiu-lhe um e se quebrou; no instante Polio ordenou que se jogasse no escravo ao lago que havia no meio do lugar, onde piranhas selvagens o destroçaram.

Juvenio descreve a uma senhora que dirigia a sua serva a seu capricho, e ao amo que "deleitava-se com o som das cruéis chicotadas, considerando-os mais doces que o canto da sereia", e que não está contente "até ter chamado a um torturador e ter marcado a alguém com ferro quente por ter roubado um par de toalhas", "que encontra jocosas as ressonantes cadeias". O escravo estava continuamente à mercê do capricho de seu amo ou proprietária.

Quem tornava isto pior era que os escravos eram oprimidos deliberadamente. No Império Romano havia 60 milhões de escravos. Inevitavelmente eram um perigo constante. Com razão, então, eram oprimidos. Mas se se tivessem rebelado, o problema se tornava sério. Um escravo rebelde era rapidamente eliminado. Se um escravo escapava, no melhor dos casos era marcado com ferro quente na frente com F — que simbolizava à palavra *fugitivus*, *fugitivo* — e no pior dos casos era crucificado. Paulo sabia muito bem tudo isto, e sabia que a escravidão

estava tão enraizada no mundo antigo que até o fato de mandar de volta Onésimo a seu amo cristão, Filemom, era um risco considerável.

O pedido de Paulo

De modo que Paulo deu a Onésimo esta Carta. Brinca com o nome Onésimo, que em grego significa literalmente *ganancioso*. Em certo momento Onésimo foi um ser inútil, mas é útil agora (versículo 11). Agora, diz, não só é Onésimo por nome mas também por natureza. Talvez Filemom o perdeu por um tempo, para o ter agora para sempre (versículo 15). Filemom deve recebê-lo novamente, ainda que não como escravo, mas sim como um irmão cristão (versículo 16). Agora é o filho na fé de Paulo, e Filemom deve recebê-lo como se recebesse ao próprio Paulo.

Emancipação

Tal, então, era o pedido de Paulo. Muitos se perguntaram por que Paulo não diz nada nesta Carta a respeito de todo o assunto da escravidão. Não condena a escravidão; nem sequer pede a Filemom que liberte Onésimo; deve tê-lo novamente como escravo. Há os que criticaram a Paulo por não aproveitar a oportunidade para condenar a escravidão sobre a qual estava edificado o mundo antigo. Lightfoot diz: "A palavra *emancipação* parece tremer em seus lábios, mas nunca a pronuncia." Mas existem certas razões para o silêncio de Paulo em face deste problema.

A escravidão era parte integral do mundo antigo; toda a sociedade estava edificada sobre ela. Aristóteles sustentava que estava na natureza das coisas que certos homens tivessem que ser escravos, que carregassem madeira, tirassem água do poço, servissem às classes mais altas. Pude ser que Paulo aceitasse a instituição da escravidão, porque era quase impossível imaginar a sociedade antiga sem escravos. O que é

pior, se o cristianismo houvesse, em realidade, animado de algum modo os escravos a rebelar-se ou abandonar a seus amos, só teria havido tragédia e desastre. Qualquer revolta teria sido grosseiramente reprimida; qualquer escravo que decidisse ser livre teria sido sem piedade castigado; e o próprio mesmo teria sido classificado como uma ideologia revolucionária e subversiva. Uma vez dada a fé cristã, a emancipação chegaria, mais cedo ou mais tarde, mas o momento não estava amadurecido; e o ter animado os escravos a esperá-la, e tomá-la, faria imensamente mais mal que bem. Há coisas que não podem conseguir-se imediatamente, e o mundo deve esperar até que trabalhe a levedura.

A nova relação

O que fez o cristianismo foi introduzir uma nova relação na qual todas as diferenças externas eram abolidas pelo fato de que todos os cristãos estavam em Cristo. Os cristãos são um só corpo, sejam judeus ou gentios, escravos ou homens livres (1 Coríntios 12:13). Em Cristo não há judeus nem gregos, escravos nem homens livres, homens nem mulheres (Gálatas 3:28). Em Cristo não há nem gregos nem judeus, nem circuncidados nem incircuncisos, nem bárbaros nem citas, nem escravos nem homens livres (Colossenses 3:11). Onésimo tinha fugido como escravo, e era como tal que retornava, mas agora não só era um escravo, mas também um irmão amado no Senhor. Quando entra na vida uma relação como esta, os níveis sociais e as castas deixam de ser importantes. Os mesmos nomes, amo e escravo, carecem de distinção. Se o amo tratar o escravo como Cristo teria feito, e se o escravo serve ao amo como Cristo teria feito, não importa se se chama a um *amo* e a outro *escravo*; sua relação não depende de nenhuma classificação humana, porque ambos estão em Cristo. O cristianismo na época primitiva não atacou a escravidão; nunca urgiu à emancipação dos escravos. Se o tivesse feito, teria sido pior que inútil; teria sido desastroso. Mas o cristianismo introduziu uma nova relação na qual as

classes sociais deixaram de ser importantes. Deve-se notar que esta nova relação nunca deu ao escravo o direito de ser negligente ou folgazão; não lhe deu o direito de aproveitar-se da nova relação; fez dele um melhor escravo, um servo mais eficiente, porque agora devia fazer as coisas de tal maneira que pudesse oferecê-las a Cristo. E isto não queria dizer que o amo devia ser suave e indulgente, ou disposto a aceitar uma má tarefa e um serviço inferior; mas sim significava que já não trataria seu servo como uma coisa, mas sim como uma pessoa e como um irmão em Cristo.

Há duas passagens nas quais Paulo estabelece os deveres de escravos e amos — Efésios 6:5-9 e Colossenses 3:22—4:1. Estes foram escritos quando Paulo estava no cárcere romano, e o mais provável é que Onésimo estivesse com ele; e não é difícil pensar que se devem muito às longas conversações que Paulo manteve com o escravo fugitivo que se tinha convertido ao cristianismo.

De modo que, então, neste sentido *Filemom* é uma carta particular, enviada por Paulo, quando fez retornar Onésimo, o escravo fugitivo de Filemom; e foi escrita para urgir a Filemom a receber Onésimo, não como o faria um amo pagão, mas sim como um cristão recebe a um irmão, e o perdoa.

Arquipo

Vejam agora a outra perspectiva do que poderia constituir o pano de fundo desta Carta.

Podemos começar nosso estudo desta perspectiva considerando o lugar que ocupava Arquipo. Arquipo aparece em Colossenses e em Filemom. Em Filemom se enviam saudações a Arquipo, *nosso companheiro de milícia* (versículo 2); e tal descrição bem poderia significar que Arquipo era o ministro da comunidade cristã em questão. Também se menciona a Arquipo em Colossenses 4:17: “Também dissei a Arquipo: atenta para o ministério que recebeste no Senhor, para o cumprires.” Tal mandato aparece logo depois de uma série de referências

muito definidas, que não têm que ver com Colossos, mas com Laodicéia (Colossenses 13, 14, 15). Pelo menos é possível pensar que Arquipo estava *também* em Laodicéia. Certamente aparece entre as mensagens que se enviam a Laodicéia. Por que, de qualquer maneira tinha que enviar-se o esta mensagem pessoal e verbal? Se estava em Colossos, ouviria a leitura da Carta como todos outros. Por que lhe enviava esta ordem pessoal e verbal? Certamente a resposta é que ele não estava em Colossos, mas em Laodicéia.

Sendo assim, a casa de Filemom também estava em Laodicéia. Onésimo era um escravo fugitivo laodiceano. Isto significa então que a Carta a Filemom foi dirigida em realidade a Laodicéia. E se é assim, a Carta "perdida" a Laodicéia, que se menciona em Colossenses 4:16, não é outra senão a Carta a Filemom. Esta tese sem dúvida resolve alguns problemas.

Lembremos que na sociedade antiga, com sua perspectiva da escravidão e seu trato aos escravos, Paulo corria um risco muito considerável ao enviar Onésimo de volta. De modo que, poderia questionar-se que Filemom seja realmente só uma carta pessoal. Está sem dúvida dirigida a Filemom *e à Igreja em sua casa*. E o que é pior, deve ser lida em Colossos. O que buscava Paulo, então? Conhecendo o risco que corria ao enviar Onésimo de volta, estava mobilizando a seu favor a opinião da igreja tanto em Laodicéia como em Colossos. Seu recebimento não devia ser deixado à inclinação pessoal de Filemom; os irmãos deverão juntar-se, e a opinião cristã deverá definir-se, para que possa agir-se de maneira acorde com a fé cristã. Em outras palavras, a decisão com respeito a Onésimo não ficava em mãos de Filemom; devia ser a decisão de toda a comunidade cristã. Acontece que há um pequeno, mas muito importante detalhe lingüístico, que apóia esta hipótese. No versículo 12 Paulo escreve que *enviou ou enviou novamente* Onésimo à casa de Filemom. O verbo é *anapempein*; trata-se de um verbo regular — é mais comum neste sentido que em qualquer outro — que significa referir um caso oficialmente à decisão de alguém determinado. E o

versículo 12 poderia ser traduzido: "Estou-lhes remetendo este caso a vocês" ou seja, não só a Filemom, mas também à Igreja em sua casa.

Há muito que dizer com respeito a esta interpretação. Apresenta só um problema. Em Colossenses 4:9 se menciona a Onésimo como a *um de vós*, o que certamente pareceria ser que era colossense. Mas E. J. Goodspeed, que afirma sua opinião com grande erudição e conhecimento, argumenta que Hierápolis, Laodicéia e Colossos estavam muito perto uma de outra, e que conformavam tanto uma só Igreja, que podiam ser consideradas como uma comunidade, e que portanto, *um de vós* não quer dizer necessariamente que Onésimo fosse de Colossos, mas sim simplesmente provinha desse grupo, intimamente conectado. Se estamos preparados para aceitar isto, desaparece o último obstáculo contra esta teoria.

A continuação da história

Mas Goodspeed não finaliza aqui. Continua reconstruindo a história de Onésimo, e o faz de maneira comovedora.

Nos versículos 13 e 14 Paulo esclarece bem que teria desejado manter Onésimo consigo. "Eu queria conservá-lo comigo mesmo para, em teu lugar, me servir nas algemas que carrego por causa do evangelho; nada, porém, quis fazer sem o teu consentimento, para que a tua bondade não venha a ser como que por obrigação, mas de livre vontade." Lembra a Filemom que ele deve sua própria alma (versículo 19). Diz, com graciosa sagacidade: "Sim, irmão, que eu receba de ti, no Senhor, este benefício" (versículo 20). Diz: "Certo, como estou, da tua obediência, eu te escrevo, sabendo que farás mais do que estou pedindo." (verso 21). Seria possível que Filemom resistisse este chamado? Será que diante de semelhantes palavras, podia fazer outra coisa que enviar novamente ao Onésimo com Paulo, dando-lhe sua bênção?

De modo que Goospeed considera que certamente Paulo recebeu outra vez o Onésimo, e que Onésimo se converteu em seu ajudante e aliado na obra do evangelho.

O bispo de Éfeso

Mas avancemos cinqüenta anos. Inácio, um dos grandes mártires cristãos, é levado para ser executado desde sua Igreja de Antioquia a Roma. Durante a viagem escreve cartas, que ainda existem, às Igrejas da Ásia Menor. Detém-se em Esmirna, e dali escreve à Igreja de Éfeso, e no primeiro capítulo de sua Carta, fala muito a respeito de seu maravilhoso bispo. E qual é o nome do bispo? Onésimo. E Inácio faz exatamente o mesmo trocadilho que Paulo tinha feito: é Onésimo de nome e por natureza, útil para Cristo. Bem poderia ser que Onésimo, o escravo fugitivo, chegaria a ser, com o passar dos anos, nada menos que Onésimo, o grande bispo de Éfeso.

O que Cristo fez por mim

Se tudo isto fosse assim, temos ainda outra pergunta. Por que sobreviveu esta pequena Carta, esta única folha de papiro? Como é que esta Carta, metade pessoal, metade oficial, entrou na coleção das Cartas paulinas? Não trata a respeito de nenhuma grande doutrina; não ataca nenhuma grande heresia; só é uma das indiscutidas Cartas de Paulo, escrita a uma pessoa em particular. É virtualmente seguro que a primeira coleção das Cartas de Paulo se realizou em Éfeso. Ali talvez, a princípios do século II, juntaram-se estas Cartas e foram editadas e publicadas. Justamente nesse momento Onésimo era bispo de Éfeso. Y. bem poderia ser que fosse Onésimo quem incluía esta Carta na coleção, pequena e breve como era, para que todos soubessem o que a graça do Senhor tinha feito por ele. Através dela o grande bispo confessa ao mundo que uma vez foi um escravo fugitivo e um ladrão, e que devia sua vida a Paulo e a

Jesus Cristo. Através dela o grande bispo insiste em que se conheça seu nome para que sua vergonha redunde na glória de Deus.

Retornou Onésimo aonde estava Paulo com a bênção de Filemom? Chegou a ser o grande bispo de Éfeso, ele que tinha sido um escravo fugitivo e ladrão? Insistiu em que esta Carta se incluía na coleção paulina, para contar o que Cristo fazia por ele através de Paulo? Nunca o poderemos assegurar; mas se for assim, então estamos diante de um dos grandes romances da graça na Igreja primitiva. Não poderemos nunca estar seguros, mas é uma bela história, e temos a esperança de que seja certa!

Filemom 1

Um homem a quem era fácil pedir um favor - 1:1-7

O pedido de amor - 1:8-17

A apelação e a bênção finais - 1:18-25

UM HOMEM A QUEM ERA FÁCIL PEDIR UM FAVOR

Filemom 1:1-7

A Carta a Filemom é extraordinária devido ao fato de que nela vemos a grandiosa imagem de Paulo pedindo um favor. Nenhum homem pediu menos favores que Paulo, mas nesta Carta pede um, nem tanto para si mesmo, senão para Onésimo, que tinha tomado um caminho equivocado e a quem Paulo estava ajudando a encontrar o caminho de retorno.

O próprio começo da Carta é incomum. Paulo geralmente se identifica a si mesmo como Paulo, *um apóstolo*; mas nesta ocasião escreve como um amigo a um amigo e ele deixa de lado o título oficial. Não escreve como Paulo *o apóstolo*, mas sim como Paulo *o prisioneiro de Jesus Cristo*. Desde o começo Paulo deixa de lado toda alusão a sua autoridade e apela só à simpatia e ao amor.

Não sabemos quem eram Áfia e Arquipo, mas sugeriu-se que Áfia era a esposa e Arquipo o filho de Filemom, devido ao fato de que eles, também, estariam muito interessados na volta de Onésimo, o escravo fugitivo. Certamente Arquipo tinha conhecido o serviço cristão junto a Paulo, pois Paulo refere-se a ele como seu companheiro de combate.

Filemom era sem dúvida um homem a quem era fácil pedir um favor. Era um homem cuja fé em Cristo e cujo amor pelos irmãos eram conhecidos por todos, e o relato deles tinha chegado até Roma, onde Paulo estava encarcerado. Sua casa deve ter sido como um oásis no deserto, porque, como diz Paulo, tinha confortado os corações dos crentes. É belo passar à história como uma pessoa em cuja casa os filhos de Deus descansavam e se sentiam confortados.

Nesta passagem há um versículo que foi muito difícil de traduzir e sobre o qual se escreveu muito. É a oração de Paulo por Filemom no versículo 6. Nossa versão diz: “(Oro) para que a comunhão da tua fé se torne eficiente no pleno conhecimento de todo bem que há em nós, para com Cristo.” A última parte da oração pede que Filemom cresça num maior conhecimento de todas as coisas boas que levam a Cristo. O começo do versículo, a parte traduzida como “*a comunhão da tua fé*”, é muito difícil. Em grego é *koinonia pisteos*.

Há três significados possíveis desta frase:

(a) *Koinonia* pode significar *compartilhar em*; pode significar, por exemplo, participar num negócio. De modo que isto pode significar *o que compartilha na fé cristã*; e pode ser uma oração para que a fé que compartilham Paulo e Filemom guie a este mais profundamente à verdade cristã.

(b) *Koinonia* pode significar *confraternidade*; e esta pode ser uma oração para que a *confraternidade cristã* guie a Filemom sempre mais profundamente rumo à verdade.

(c) *Koinonia* pode significar *o ato de compartilhar*; neste caso, portanto, referia-se à caridade cristã, o dar cristão, à generosidade cristã ao dar. Nesse caso o versículo quereria dizer: "Minha oração é que sua

maneira de compartilhar generosamente e de dar tudo o que tem te guie mais profundamente em direção do conhecimento das coisas boas que levam a Cristo."

Creemos que o terceiro significado é o correto. É evidente que a generosidade e a caridade cristãs eram características de Filemom; amava os crentes em Cristo, e em seu lar eles descansavam e se sentiam confortados. E agora Paulo pede a este homem generoso que seja ainda mais generoso.

Há um grande pensamento encerrado nisto, se esta for a interpretação correta. Significa que aprendemos a respeito de Cristo dando a outros. Significa que recebemos de Cristo ao compartilhar com outros. Significa que ao nos esvaziar a nós mesmos somos cheios de Cristo. Significa que quanto mais pobres nos façamos dando, mais ricos seremos em dons de Cristo. Significa que dar abertamente e com coração generoso é a maneira mais segura de aprender cada vez mais da riqueza de Cristo. A pessoa que conhece mais a Cristo não é um erudito intelectual, nem sequer o santo que se encerra e passa seus dias em oração, mas sim a pessoa que age com generosidade entre seus semelhantes.

O PEDIDO DE AMOR

Filemom 1:8-17

Paulo, por ser tal, poderia ter ordenado o que desejava que Filemom fizesse, mas só faz um humilde pedido. Um dom para ser tal deve ser outorgado livre e voluntariamente; um dom que se obtém por coerção não é tal.

No versículo 9 Paulo se descreve a si mesmo. Nossa versão traduz: Paulo, *o velho*, e prisioneiro de Cristo. Há um bom número de eruditos que prefeririam substituir a expressão *o velho*. Argumentou-se que Paulo em realidade não podia ser um homem ancião. Certamente não tinha mais de sessenta anos; sua idade devia oscilar entre os cinquenta e cinco

e os sessenta. Mas os que objetam a tradução de "ancião" estão equivocados. A palavra que Paulo utiliza para referir-se a si mesmo é *presbutes*, e Hipócrates, o grande médico e escritor grego, diz que uma pessoa é *presbutes* quando está entre os quarenta e nove e os cinquenta e seis anos. Esta é a idade que podemos chamar *adulta*; só depois se converte em *geron*, que em grego é "ancião".

Mas qual é a outra tradução que se sugere? Há duas palavras que são muito semelhantes; só diferem em sua ortografia por uma letra, e sua pronúncia pode ter sido exatamente a mesma. São as palavras *presbutes*, que significa *ancião*, e *presbeutes*, que significa *embaixador*. O verbo desta mesma raiz utiliza-se em Efésios 6:20 quando Paulo diz: "Pelo qual sou embaixador em cadeias." Se pensamos que a palavra deveria ser *presbeutes*, Paulo está dizendo: "Eu sou um embaixador, apesar de que sou um embaixador encadeado." Mas é muito mais lógico conservar a tradução de *ancião*, porque nesta Carta Paulo está-se referindo todo o tempo não ao cargo que detém, nem à autoridade da qual goza, mas sim só ao amor. Não está falando o embaixador, mas sim o homem que sofreu e que agora está sozinho e cansado.

Então Paulo faz seu pedido no versículo 10, e seu pedido é por Onésimo. Notamos como demora para pronunciar o nome do Onésimo, como se duvidasse fazê-lo. Paulo não desculpa a Onésimo; livremente admite que *era* uma pessoa inútil e sem valor; mas declara algo a seu favor: é útil agora. O cristianismo, como James Denney costumava dizer, é o poder que pode fazer com que os homens maus sejam bons. É significativo notar que Paulo declara que em Cristo a pessoa inútil se converte em útil. Para a última coisa que foi criado o cristianismo é para produzir pessoas ociosas, ineficazes, sonhadoras e indefinidas; produz gente útil, que tem um sentido das coisas, que pode fazer uma tarefa melhor que outros. Há pessoas daqueles que se pode dizer que têm "uma mente tão celestial que não é de utilidade alguma na Terra". Mas o verdadeiro cristianismo faz com que possamos ao mesmo tempo ter uma mente celestial e sermos úteis na Terra.

Paulo chama Onésimo o filho que gerou em suas prisões. Existe um dito rabínico que diz: "Se uma pessoa ensinar o filho de seu vizinho a Lei, segundo a Escritura é como se ele o tivesse gerado." Levar um homem a Cristo, guiar um homem a Deus, é tão grandioso como tê-lo trazido ao mundo. Feliz é o pai que traz seu filho à vida, e que logo o guia na vida eterna, porque então este filho será seu por partida dupla.

Como notamos, na Introdução a esta Carta, o versículo 12 tem um duplo significado. "Eu to envio de volta", escreve Paulo. Mas o verbo *anapempein* não só significa *enviar de volta*; significa também *remeter um caso a*; e Paulo está dizendo a Filemom: "Estou te remetendo o caso de Onésimo, para que dê um veredicto que concorde com o amor que teria que ter." Onésimo deveu ter-se convertido em alguém muito querido para Paulo durante esses meses da prisão, porque Paulo o elogia muito ao dizer que mandar-lhe a Filemom é como enviar-lhe um pouco de seu próprio coração.

Logo vem a apelação. A Paulo teria gostado de ficar com Onésimo, mas o envia de volta a Filemom, porque não deseja fazer nada sem o consentimento de Filemom. Mais uma vez aqui há um fato significativo. O cristianismo não existe para ajudar os crentes a escaparem do seu pecado; existe para capacitar seus seguidores a enfrentar o passado e a elevar-se acima dele. Onésimo tinha escapado. Não se devia permitir que evitasse as conseqüências de seus equívocos. Devia voltar, e enfrentar as conseqüências do que tinha feito; e logo devia aceitá-las e elevar-se acima delas. O cristianismo não é nunca uma escapatória: é sempre uma conquista.

Mas Onésimo retorna com uma diferença. Foi embora como um escravo pagão; volta como um irmão em Cristo. Vai ser duro para Filemom considerar como irmão a um escravo fugitivo; mas é exatamente o que Paulo lhe ordena. Paulo diz: "Se está de acordo em que eu seja seu companheiro na obra de Cristo, e que Onésimo é meu filho na fé, então deve recebê-lo como se me recebesse a mim mesmo."

Aqui outra vez há algo muito significativo. O cristão deve sempre dar as boas-vindas à pessoa que se equivocou.

Muitas vezes consideramos com suspeita a pessoa que se equivocou e que tomou o mau caminho; muitas vezes demonstramos que nunca estaremos preparados a confiar nele outra vez. Podemos crer que Deus o perdoará; mas para nós será difícil fazê-lo. Tem-se dito que o mais reconfortante a respeito de Jesus Cristo é que Ele confia em nós exatamente nas mesmas circunstâncias de nossas derrotas. Quando alguém se equivoca, o caminho de volta pode ser muito duro, e Deus não perdoará imediatamente à pessoa que, em seu farisaísmo ou em sua falta de simpatia, faz mais difícil que o pecador se recupere.

A APELAÇÃO E A BÊNÇÃO FINAIS

Filemom 1:18-25

Uma das leis da vida cristã é que terá que pagar o preço do pecado. Deus pode perdoar e o faz, mas nem mesmo Deus pode libertar o homem das conseqüências do que tem feito. Mas a glória da fé cristã é que, assim como Jesus Cristo carregou com o pecado de todos os homens, há aqueles que em seu amor estão preparados para pagar o preço dos pecados e erros dos que amam. O cristianismo nunca autorizou ninguém a não pagar suas dívidas. Onésimo tinha roubado a Filemom, além de escapar. Se não se tivesse apropriado do dinheiro de Filemom, é difícil que teria podido fazer o longo caminho a Roma. Mas Paulo escreve com sua própria mão que ele se fará responsável e pagará tudo.

É interessante notar que este é um caso exato de *cheirographon*, o tipo de reconhecimento que vimos em Colossenses 2:14. Trata-se de uma obrigação voluntariamente aceita e assinada.

É interessante que Paulo podia e desejava pagar as dívidas de Onésimo. Cada tanto encontramos evidências que nos mostram que Paulo contava com recursos financeiros. Félix o manteve prisioneiro porque esperava que o subornasse para deixá-lo ir; Félix deveu ter crido

que Paulo estava numa posição suficientemente boa para pagar um suborno (Atos 24:26). Paulo pôde alugar uma casa durante seu encarceramento em Roma (Atos 28:30). É possível que se Paulo tivesse escolhido viver como missionário de Cristo, teria podido levar uma vida sedentária, com comodidades e facilidades razoáveis, provenientes de seus próprios recursos. Esta bem poderia ser outra das coisas que Paulo deixou por Cristo.

No versículo 20 escutamos a Paulo falando com um tintura de humor. Diz: "Filemom, deve-me sua alma, porque fui eu quem te levou a Cristo. Deixarás que obtenha alguma lucro de ti?" Com um sorriso afetuoso Paulo está dizendo: "Filemom, recebeste muito de mim; deixa que agora eu receba algo de ti!"

O versículo 21 é típico do relacionamento de Paulo com as pessoas. Uma norma de Paulo era a de esperar sempre o melhor dos demais. Nunca duvidou que Filemom cumpriria o seu pedido. É uma boa norma; esperar o melhor dos demais é quase sempre estar na metade do caminho que nos leva a obter o melhor. Se esperarmos pouco, obteremos pouco. Mas se apelarmos à honra de uma pessoa, demonstrando-lhe que esperamos muito dela, o dormido cavalheirismo do coração humano despertará, e obteremos muito daquele do qual esperamos muito.

No versículo 22 fala o otimismo de Paulo. Até na prisão crê que voltará a ser livre pelas orações de seus amigos. Agora mudou seus planos. Antes de ser encarcerado sua intenção tinha sido a de ir à longínqua Espanha (Romanos 15:24,28). Talvez depois dos anos na prisão, dois na Cesárea e outros dois longos anos em Roma, Paulo sentia que devia deixar os lugares distantes e os limites da Terra aos homens mais jovens, e que para ele, à medida que se aproximava ao final, os velhos amigos eram o melhor.

No versículo 23 há uma lista de saudações aos mesmos camaradas que encontramos em Colossenses, em sua seção final, e ali falamos de tudo o que sabemos a respeito deles.

E assim chegamos à bênção, na qual tanto Filemom como Onésimo são encomendados à graça de Cristo.